

Luzes de néon vermelho piscavam automaticamente, e uma voz rangia no altifalante. “Vai sair da linha número três o comboio... comboio com destino a... o comboio...”

“Deve ser o teu comboio”, disse a mãe de Mary Ventura. “Tenho a certeza de que é, querida. Despacha-te. Despacha-te, por favor. Levas o bilhete?”

“Sim, mãe, levo. Mas tenho de ir já? Tão cedo?”

“Sabes como são os comboios”, disse o pai de Mary. Tinha um ar anónimo no seu

chapéu de feltro cinzento, como se estivesse a viajar incógnito. “Sabes como são os comboios. Não esperam.”

“Sim, pai. Eu sei.”

O longo ponteiro preto do relógio na parede cortou mais um minuto. Havia gente a correr por todo o lado para apanhar comboios. Por cima deles, a abóbada da estação erguia-se como o zimbório de uma catedral gigantesca.

“Vai sair da linha número três o comboio... comboio com destino a... o comboio...”

“Despacha-te, querida.” A Sr.^a Ventura agarrou Mary pelo braço e puxou-a ao longo dos reluzentes corredores de mármore do terminal ferroviário. O pai de Mary seguia atrás com a mala dela. Outras pessoas apressavam-se em direção à entrada com o número três. Um revisor de uniforme preto, com

o rosto sombreado pela pala do boné, conduzia a multidão pelo intrincado gradeamento negro da cancela de ferro até à plataforma do outro lado.

“Mãe”, disse Mary, estacando ao ouvir o apito colossal da locomotiva na linha. “Mãe, não posso ir hoje. Não consigo. Ainda não estou preparada para esta viagem.”

“Disparate, Mary”, interrompeu-a jovialmente o pai. “Isso são só nervos. A viagem para norte não vai ser nenhum suplício. Entra lá no comboio e não te preocupes com mais nada até chegares ao fim da linha. O revisor diz-te para onde hás de ir depois.”

“Anda, vá, linda menina.” A mãe empurrou-lhe um fio de cabelo fulvo para dentro do chapéu de veludo preto. “Vai ser uma viagem fácil. Toda a gente tem de sair de casa um dia. Toda a gente tem de partir mais tarde ou mais cedo.”

Mary cedeu. “Oh, pronto, está bem.” Deixou-se conduzir para lá dos portões de ferro forjado e pela rampa até à plataforma de cimento, onde o ar estava carregado de vapor.

“Edição extra!”, os ardinias apregoavam as manchetes, vendendo jornais junto às portas das carruagens. “As últimas... dez mil pessoas condenadas... mais dez mil pessoas...”

“Não há razão nenhuma”, cantarolou a mãe de Mary, “absolutamente nenhuma, para te preocupares.” Abriu caminho por entre a caótica multidão, e Mary seguiu na sua esteira até à penúltima carruagem. Tinha as costuras rebitadas com tachas de latão e havia uma comprida fila de bancos de peluche vermelho, que à luz intensa do teto parecia cor de vinho.

“Que tal este lugar, aqui ao meio?” O Sr. Ventura não esperou pela resposta e atirou a mala de Mary para o porta-bagagens. Deu um passo atrás. A Sr.^a Ventura levou um

lenço de mão aos lábios pintados de vermelho, começou uma frase, parou. Não havia, no fim de contas, mais nada a dizer.

“Adeus”, disse Mary com uma ternura maquinal.

“Adeus, querida. Diverte-te, sim?” A Sr.^a Ventura inclinou-se para dar a Mary um beijo vago e distraído.

Então, os dois viraram costas e começaram a afastar-se, retrocedendo pela coxia em direção à passagem aberta. Mary acenou-lhes, mas eles já tinham desaparecido e não viram. Sentou-se junto à janela, depois de tirar o casaco vermelho e de o pendurar no cabide de latão que havia ao seu lado. Os outros passageiros já estavam quase todos instalados, mas alguns ainda percorriam a coxia à procura de lugares. Uma mulher de casaco azul, que trazia ao colo um bebé embrulhado numa suja manta branca, parou